

## O TEATRO DA CIA BURLESCA EM LUTA PELA TERRA

Julie Anna Wetzel Deeter<sup>1</sup>  
Simone Menezes Rosa<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar a trajetória da Cia Burlesca no processo de articulação, especialmente, com os movimentos populares do campo. Para tal, definimos o foco no percurso do grupo entre os anos de 2016 e 2022, período em que a companhia construiu de forma intensiva tais articulações. Refletimos sobre como o grupo passou pelos territórios de ocupação cultural no Distrito Federal para atuação em rede, conjunta às organizações sociais populares. Constatamos que o teatro político praticado pelo coletivo possibilita formação política-estética de forma contínua, tanto para o grupo, quanto para os territórios de atuação.

**Palavras-chave:** Cia Burlesca; Teatro político; Território; Formação; Luta Social.

---

<sup>1</sup> Mestra em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília (UnB). Licenciatura pelo Instituto Federal de Goiás (IFG). Graduação em Artes Cênicas pela Faculdade Dulcina de Moraes (FADM). Atriz, educadora e pesquisadora. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5393-3352> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5585183176627606> E-mail: [julieannawetzel@gmail.com](mailto:julieannawetzel@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB). Mestrado em Artes pelo Programa Prof-Artes pela UnB. Especialista em Educação do Campo pelo Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural (MADER) pela UnB. Graduação em Licenciatura em Artes Plástica pela Universidade de Brasília. Professora de Educação Básica da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9366-373X> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0651352990039064> E-mail: [sissi.rosa07@gmail.com](mailto:sissi.rosa07@gmail.com)

## THE THEATRE OF CIA BURLESCA STRUGGLES FOR LAND

**Abstract:** This article aims to analyze the trajectory of Cia Burlesca in the process of articulation, especially with popular movements in the rural areas. To this end, we define the focus on the group's journey between 2016 and 2022, a period in which the company intensively built such articulations. We reflect on how the group moved through the territories of cultural occupation in the Federal District to act in a network together with popular social organizations. We observed that the political theater practiced by the collective enables continuous political-aesthetic formation, both for the group and for the territories where they operate.

**Keywords:** Cia Burlesca; Political Theater; Territory; Training; Social Struggle.

## EL TEATRO DE LA CIA BURLESCA LUCHANDO POR LA TIERRA

**Resumen:** Este artículo busca analizar la trayectoria de Cia. Burlesca en su proceso de articulación, especialmente con movimientos populares del campo. Para ello, nos centramos en la trayectoria del grupo entre 2016 y 2022, período en el que la compañía construyó intensamente dichas articulaciones. Reflexionamos sobre cómo el grupo recorrió los territorios de ocupación cultural del Distrito Federal para actuar en red, junto con organizaciones sociales populares. Constatamos que el teatro político practicado por el colectivo facilita una formación político-estética continua, tanto para el grupo como para los territorios de acción donde actúa.

**Palabras clave:** Cia Burlesca; Teatro Político; Territorio; Formación; Lucha Social.

## Introdução

*Seja Margarida, seja Roseli  
Lute pela vida, lute até o fim  
Olhe para a terra e veja  
É o que a gente deseja  
É pra trabalhar, é pra alimentar, é  
É pra nós plantar, é pra homem e mulher  
Seja Paraíba, seja Anoni  
Entre nessa briga, não é só por ti  
Pro alimento estar na mesa  
De qualquer um que seja  
Já pode sonhar, o barraco tá de pé  
Já pode sonhar, o barraco tá de pé*  
(Burlesca, Música Ocupação, da peça A Legítima História Verdadeira, Arquivo do grupo, 2019)

A legítima história verdadeira foi o que um militante do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra falou ao iniciar a história sobre a ocupação da fazenda Annoni, que ocorreu em 1985 no Rio Grande do Sul. Este depoimento foi dado à Cia Burlesca durante a pesquisa de campo para produção da obra que visava contar parte da história da luta pela terra, a partir da trajetória de duas mulheres icônicas na luta pela terra: Roseli Nunes e Margarida Alves. Ele explicou: aqui nós não vamos inventar nada, esta é a legítima história verdadeira. Em tempos de guerra de informações e narrativas, a frase se tornou nome da peça do grupo e palavra de ordem para ocupar todos os espaços com a narrativa da classe trabalhadora organizada.

Neste artigo buscamos analisar a história da Cia Burlesca (2009) em relação a pauta da Reforma Agrária junto com os movimentos sociais e sindicais, com a educação do campo, coletivos e redes que se organizam diante desta bandeira. Refletimos sobre a maneira como a companhia é afetada pelas relações que construiu ao longo desse percurso poroso aos territórios por onde circulou, às estratégias dos sujeitos coletivos e aos desafios de manter um trabalho político, estético e pedagógico em contexto histórico regressivo dado o avanço da extrema direita nos últimos anos.

Por meio da descrição da trajetória do grupo, da análise de depoimentos e em diálogo com o referencial teórico realizamos o recorte da produção da companhia com atenção especial entre os anos de 2016 e 2022. Dentro deste

período analisamos com vigor as seguintes obras: *Bendita dica* (2016), *O Longe* (2017) e *A Legitima História Verdadeira* (2022). O destaque se deu por serem obras que trazem com maior evidência a pauta da luta pelo direito à terra. Em nossa análise consideramos tanto as obras, como a macro conjuntura, a recepção das mesmas e as relações que foram tecidas a partir delas.

Em resumo, a Cia Burlesca é sediada no Distrito Federal desde 2009. Nos últimos 16 anos montou e circulou com diversos espetáculos e contação de história por todas as Regiões Administrativas do DF e em outras cidades do Goiás, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraíba, Maranhão, Rio Grande do Norte, Bahia, Pernambuco e Ceará. As obras do grupo buscam problematizar questões sociais na perspectiva da luta de classes, levando em consideração as intersecções de raça e gênero. Com características da Cultura Popular, do Teatro Épico de Bertolt Brecht e do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, na Burlesca o teatro e a educação se irmanam.

Sob a chave “teatro e revolução” a trajetória da Cia Burlesca se soma na disputa por direitos na qual a cultura é um dos motores de transformações radicais nos padrões de opressão presentes na sociedade capitalista. Tanto do ponto de vista do acesso e debate dos bens simbólicos, como pela manutenção de vínculos perenes com a classe trabalhadora organizada, a companhia atua no campo da cultura, educação e comunicação política e popular há mais de uma década.

Dessa forma, o trabalho reflete sobre a trajetória de um grupo que se soma a um conjunto de ações e iniciativas de combate ao modelo hegemônico de produção que provoca as emergências sociais e ambientais.

## **A formação da Cia Burlesca e o território do Distrito Federal**

A capital do país, fundada em 1960, tornou-se referência mundial da arquitetura moderna e logo acompanhou a política de controle social e político do Estado com a erradicação de favelas dos centros urbanos (Gouveia, 1995), impondo um abismo entre o centro e a periferia, entre equipamentos públicos e

falta de infraestrutura. O Distrito Federal uma das regiões mais segregadas do ponto de vista racial e de classe.

Muitas cidades são erguidas, no entorno de Brasília, sem as mínimas condições de infraestrutura, sem planejamento, e com muito trabalho e resistência de quem veio construir um sonho, que se tornou outra realidade, da exclusão e da desigualdade. Importante perceber que a luta pelo direito à cidade, em meio à construção de Brasília, ocorre a partir da negação de direitos fundamentais, e consolidam-se através de resistências para além da propaganda de progresso cultuada por Juscelino Kubitschek e Oscar Niemayer. (Baratto, 2017, p. 47)

A propaganda de progresso a que Baratto se refere é o chamado Nacional Desenvolvimentismo, conceito presente no ideário político brasileiro desde a década de 1930 e que o governo de JK levou à cabo com a construção da capital sob a consigna: 50 anos em 5. Esse *slogan* traduzia o plano de metas cujas pretensões eram superar 50 anos de atraso em 5 anos. Na década de 1960, parte numerosa da opinião pública brasileira, mais ligada às ideias liberais, atribuíam aos modos de vida rural a imagem de atraso do Brasil.

Dessa forma, não somente os trabalhadores, em sua maioria migrantes, que construíram Brasília foram deslocados para as regiões de borda da cidade, como também os sujeitos, em sua maioria camponeses que já residiam nessas terras antes da construção da capital, foram distanciados do centro da cidade por meio dos chamados cinturões verdes.

A situação de segregação social se agravou com a implementação da ditadura militar em 1964, que rompe com o projeto utópico da capital e com as organizações da classe trabalhadora que pressionavam o Estado brasileiro pelas chamadas reformas de base. Além de abafarem as lutas pelas reformas de base, entre as quais a Reforma Agrária se mostrava como meio principal para alavancar o processo de superação do atraso brasileiro, com a chamada Revolução Verde os governos militares implementaram como modelo hegemônico de produção o agronegócio, modernizando o latifúndio arcaico com tecnologia na produção sem, com isso, romper com o contrato de dependência ao grande capital internacional.

Diante disso, a situação da população camponesa no Distrito Federal se torna ainda mais complexa, comprimida entre a especulação imobiliária urbana e o agronegócio no campo. O resultado é uma amalgama entre a classe trabalhadora do campo e da cidade que dão ao campo do Distrito Federal características próprias de campo periurbano.

Portanto, a região geoeconômica de Brasília se consolida como espaço político de controle do capital agrícola e imobiliário. Este controle se dá a partir da geografia (territorial e política) que inscreve Brasília como uma espécie de centro moderno de circulação de capital, através do poder político. A centralidade de seu território é fundamental para a qualificação de operações financeiras nacionais e internacionais, pois no auxílio do Estado o trunfo necessário para a garantia das transações. O pacto entre o agronegócio e a especulação imobiliária é uma característica predominante da região, pois os dois setores necessitam de territórios para se expandir, guardado seus devidos interesses. (Baratto, 2017, p. 55)

Nesse contexto, no campo da cultura, com o advento do agronegócio a indústria cultural avança em concomitante (Chã, 2016). Por outro lado, junto com a força de trabalho e de luta por uma vida digna, a cultura popular, que já era presente neste território até então goiano, se enriquece com a chegada em massa destas famílias. O Boi do Maranhão encontra com a Catira do Goiás, o teatro de Mamulengo com a Sussa dos quilombos, o rap com as violas caipiras. Estes territórios marcados por luta reúnem uma diversidade cultural riquíssima que mistura o campo e a cidade, um Goiás com grande influência nordestina.

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. (Santos, 1999, p. 8)

Em meio a esta recente cidade, erguida e organizada entre disputas e confrontamentos, os territórios de encontro das pessoas que integram a Cia Burlesca chamam atenção. Foram em escolas, centros culturais e em luta por direitos da classe trabalhadora que se identificam, demonstrando indícios da

identidade política do coletivo, a qual se sentem pertencidos e que se tornará o fundamento dos seus trabalhos.

As histórias que o coletivo compartilha nos seus trabalhos buscam descortinar as estruturas da sociedade capitalista e anunciar perspectivas de uma sociedade mais saudável, justa e igualitária. Temas ditos complexos como a Reforma Agrária, a manipulação da informação pela mídia e a situação dos refugiados, por exemplo, são tratados de forma didática e popular. Esta forma de dialógica com a plateia, com relação mais aproximada, contribui para democratizar o acesso à cultura e educação, característica que faz com o trabalho do grupo se aproximar cada vez mais de outros grupos, movimentos e territórios do campo político popular que valorizam os processos como potências pedagógicas emancipatórias.

A escolha do fazer teatral que o grupo se identifica desde sua criação, contrastava com o teatro de formação acadêmica. Tendo alguns integrantes vindos destas formações, a feitura do teatro gerava debates no sentido da forma e do conteúdo. Tais debates recaiam sempre no sentido do trabalho, isto é, para que fazem teatro, levando em consideração o sistema vigente, onde tudo é mercadoria.

[...] essa relação em que eu vendo o meu trabalho para comprar a minha sobrevivência é o que define, na essência, a chamada mercadoria, que não é uma questão estética ou uma questão de marketing ou comercialização de produto. E ela se organiza em função de uma quantidade populacional que não tem nada para vender a que não seja seu trabalho e não interessa aqui se se trata de um ator, bancário ou metalúrgico, ele vai vender para quem quer comprar ou quem pode comprar. E aí você tem uma outra quantidade populacional bem menor que compra esse trabalho. Compra porque ela tem dinheiro para fazer essa compra e porque ela tem os meios de produção na mão. No caso do teatro, essa pequena fatia teria um teatro à sua disposição ou seria dona dos direitos autorais ou ...., enfim, se responsabilizaria pelos recursos que vão permitir a confecção daquela obra. Essa obra, produzida desta maneira, é mercadoria, seja um espetáculo, uma aula, um sapato. (Costa; Carvalho, 2008 p. 67)

O conflito de quem produz arte em um país onde as necessidades básicas ainda não foram atendidas, a todo momento recai sobre a sustentabilidade do trabalho e a fidelidade política de seus interesses. Como a

maior parte das organizações progressistas, o objetivo é de construir processos mais humanos e solidários em um sistema que monetiza as vidas. Neste sentido, para a Cia Burlesca, o Fundo de Apoio a Cultura (FAC) da Secretaria de Cultura do DF foi fundamental para manter seu trabalho de montagens, temporadas e circulação de peças e oficinas.

De 2009 a 2016, o grupo passa por um período de ocupações fixas de espaços culturais, com uma sede própria em sala alugada na quadra 406 norte (Plano Piloto); depois, o teatro de arena da Escola Parque 303/304, também na Asa Norte (Plano Piloto), e por último, a Sala Conchita de Moraes do Teatro Dulcina no Setor de Diversões Sul. Ao mesmo tempo, vendiam os espetáculos para livrarias, shoppings, festas de aniversário; e, se somavam as mobilizações da cultura e da educação, como a Ocupação Cultural do Movimento Mercado Sul Vive.<sup>3</sup>

Ainda no final de 2015, o grupo recebeu o convite do Coletivo Terra em Cena<sup>4</sup> – grupo de pesquisa e extensão ligado ao campus de Planaltina da UnB (FUP/UnB) – para participar do 2º Seminário Internacional de Teatro e Sociedade (II SITS) que aconteceu na FUP-UnB. Além de participarem da mesa de debate, apresentaram a primeira cena pronta do espetáculo de *Bendita Dica* para uma plateia que tinha nomes relevantes para a construção da história do Teatro Político no Brasil, como Sérgio de Carvalho, Cecília Boal e Julian Boal.

O II SITS cumpre papel fundamental ao proporcionar um espaço de debate sobre as questões da estrutura social junto e a partir dos movimentos sociais organizados, visto que estes que se dedicam a estudos profundos para atuar na sociedade, tornando-se fontes fundamentais para a compreensão das tarefas da classe trabalhadora de cada tempo.

A aproximação com o coletivo Terra em Cena contribuiu para aproximar a Cia Burlesca com a educação do campo e os movimentos sociais campesinos. O Terra em Cena é formado por militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) oriundos da Brigada de Agitação e Propaganda

---

<sup>3</sup> “Artistas moradores de Taguatinga ocupam lojas que estavam fechadas há mais de 10 anos para transformá-las em espaços saudáveis e produtivos para a comunidade local. Em disputa às ameaças de despejos, desde 2021 a comunidade luta pelo direito de reconhecimento do Mercado Sul como patrimônio Material e Imaterial do DF” (Deeter, 2023, p. 75).

<sup>4</sup> Conhecer mais em: <http://terraemcena.blogspot.com/>

Semeadores, “o primeiro grupo de teatro que a Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré formado com pessoas do MST/DFE e é o grupo que dá origem ao trabalho de agitação e propaganda, no estado, em 2003” (Souza, 2013, p. 30). Compõe também o Coletivo professores e professoras da Licenciatura em Educação do Campo da UnB, e estudantes quilombolas e camponeses do curso, de territórios do DF, Goiás e Mato Grosso.

Em 2016, estreou o espetáculo *Bendita Dica* que se tornou um marco para definição de futuros trabalhos e territórios de circulação do grupo ao longo da sua trajetória. A peça conta a história da líder Benedita Cipriano Gomes (1920) que organizou uma comunidade no interior do Goiás, com a terra, trabalho e alimentos divididos igualmente. A temporada coincidiu com o processo de golpe contra a presidente Dilma Rousseff, e as perseguições à Dica narradas no espetáculo, são intensificadas ao evidenciar a estrutura patriarcal da sociedade que se mantém ao longo dos anos, repetindo históricos de manutenção do *status quo*. Mecanismos midiáticos, empresariais e institucionais da burguesia perseguiram as duas mulheres divididas por quase um século.

**Figura 1** - Apresentação de *Bendita Dica* no Acampamento 8 de março do MST-DFE, Planaltina – DF, 2017



**Fonte:** Felipe Canova.

A peça que conta com bonecos, músicas, encenações e narrativas foi apresentada na Sala Conchita, em diversas escolas públicas para o seguimento da primeira infância e, como foi prometido, na cidade de origem da Dica, Lagolândia. Em uma apresentação na Feira da Reforma Agrária do MST em Ceilândia/DF, com plateia de trabalhadoras e trabalhadores rurais, a peça ganhou outro peso. Na perspectiva de apresentar com escuta atenta, o grupo e a plateia constroem juntos o espetáculo. Como a pesquisadora Silvana Garcia (1990, p. 42) explicita sobre esta troca:

A finalização dos espetáculos se dá necessariamente no contato com a comunidade. É a partir das relações com o público durante a peça, das enquetes, entrevistas e debates que o espetáculo vai sendo aparado, transformado, afinado.

A pesquisa que o grupo fez para a peça indo à Lagolândia, e as trocas com os públicos urbanos, agora ganhavam a camada de significados, sentido e força de uma organização de luta pela terra. Esse encontro de um território, assim como mencionado no início do artigo, é um exemplo de como a escolha de fruição das peças, isto é, com quem e onde o diálogo acontece, influencia a produção teatral do grupo. Esta experiência de identificação mútua do sentido do trabalho fez com que a Cia Burlesca se esforçasse para apresentar cada vez mais para o povo do campo, seja com projetos financiados, ou movidos por recursos ideológicos, unindo forças no intuito de construir um mundo mais justo.

Em 2017, a Cia monta o espetáculo *O Longe*, idealizado e dirigido por Patrícia Barros, inspirado no conto *Safari Definitivo* (2007) da escritora Sul-africana Nadine Gordimer. O espetáculo nasce em meio a este esforço que o grupo faz em direção à atuação com os povos do campo, por isto, também circulou intensamente por áreas da Reforma Agrária.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Ler mais no site do MST, disponível em: <https://mst.org.br/2019/05/22/espetaculo-o-longe-circula-por-areas-da-reforma-agraria-no-df/>

**Figura 2 - Apresentação de *O Longe* pelo projeto Circulação por áreas da Reforma Agrária, no Centro Educacional CED Taquara, área rural de Planaltina, Brasília/DF, 2019**



**Fonte:** Mateus Alves.

O grupo se propôs a falar sobre os refúgios em dimensões globais, nacionais e locais. Ora remetem aos êxodos internos do país com retirantes, ora, aos imensos deslocamentos humanos em detrimento das guerras. A peça contribui com o debate sobre o direito básico a terra e a moradia para os diversos povos desterrados. Estas reflexões são feitas a partir da perspectiva das mulheres. Além do conto ser escrito por uma mulher e ter suas protagonistas em figuras femininas (avó e a menina), a equipe é majoritariamente composta pelas mulheres do grupo. Sobressai a relação do cuidado em busca do mínimo de dignidade em situações extremas, trabalho que sobrecarrega as mulheres na cultura ocidental.

A escolha do grupo em manter a narrativa do conto na perspectiva da menina de 11 anos, faz o lúdico, o afeto e a cumplicidade mantidos pela avó e a criança darem sustentação aos densos temas da obra como abandono, bombardeio em guerras, insegurança alimentar, mortes e perda total de bens, familiares e a terra natal. Esta escolha de narrativa possibilitou que o espetáculo

dialogasse com uma diversidade de pessoas, surpreendendo o grupo com a atenção das crianças.

Wellington Lennon (Militante do MST) - Eu acho que é, enfim, acho que essa história retrata muito e quando a gente olha pra gente do MST e dos desafios que a gente tem no dia a dia também, né. E acho que bem isso também que a Taina fala. A criança Sem Terra tem muito isso no despejo, na ocupação e parece que tudo é brincadeira, tudo é festa, né. Mas eu acho que... essa história toda a gente consegue inclusive conectar a nossa luta com essa luta da sobrevivência, né. E a gente sabe quem é o inimigo, a gente sabe quem é que faz isso. Então, eu acho que é igual o que a gente enfrenta inclusive, né. Ai uma coisa interessante disso tudo é que em nenhum momento a gente sentiu dó, pena, sabe... a gente fica indignado, eu acho que a indignação é uma conexão entre a luta de classe, né, que a gente consegue construir. E eu que essa peça traz isso também, a gente sai daqui indignado. Porque a gente viu e percebeu o inimigo que é o mesmo da gente, a gente conheceu como que a sociedade trata isso. A gente conheceu como o capitalismo trata isso. Então, é muito aquilo que a gente vive, de um jeito diferente, mas a gente consegue se conectar com a indignação, consegue se conectar inclusive, com o fato da solidariedade e a gente sabe que isso, não é só na Síria, enfim, acho que em todos os outros países também latino-americano também tem outros processos de luta e assim e que também enfrenta isso no dia a dia, né. O próprio povo venezuelano que também tem isso o tempo todo. Então, eu acho que, eu em nenhum momento assim, eu senti outra coisa, se não a solidariedade de entender que esse povo é um povo do mundo, e indignação. (Burlesca, registro audiovisual da apresentação no curso Arte, cultura e comunicação do MST, 2019)

As reflexões travadas com a militância do MST sobre descolamentos e a união da classe trabalhadora ao redor do mundo que sofre com as disputas territoriais, demonstrou mais uma vez a potência do teatro para formações coletivas e populares. A classificação indicativa livre da peça também é uma característica popular, pois não exclui nenhum membro da família de uma área de acampamento ou assentamento da reforma agrária para refletir e debater sobre os temas abordados.

## Atuação em rede e as inflexões da Cia Burlesca

Diante das devolutivas valorosas dos trabalhos, o grupo se questionava mais uma vez na reflexão entre ocupar ou intensificar a circulação. Em 2017, o Coletivo Terra em Cena, o MST e o Levante Popular da Juventude materializaram a Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do DF (ETPVP-DF)<sup>6</sup>, vinculada à Rede Nuestra América.<sup>7</sup> A Cia Burlesca se somou como discentes das atividades e do elenco, momento importante de estudo e aprimoramento do Teatro do Oprimido e de Agitação e Propaganda<sup>8</sup> (Legado da Revolução Soviética – 1917). Depois o grupo passa a compor a Coordenação Político Pedagógica da Escola e se mantém até os dias atuais.

Na práxis do Terra em Cena e da ETPVP, a linguagem teatral e do vídeo popular é usada para compreender as contradições que se estabelecem nos territórios, buscando ampliar o debate sobre problemas coletivos e gerar processos de formação e organização da sociedade. Desse modo, pretende-se aprofundar o estudo e a apropriação de conhecimentos sobre o capitalismo enquanto modo de produção intrinsecamente ligado ao sexismo e ao racismo estrutural de nossa sociedade, bem como sua lógica de acumulação de poder, autoritarismos, destruição da natureza e da vida na Terra. (Pinto et al, 2022, p. 29)

Diante o alinhamento político, a ETPVP contribuía na formação de integrantes da Burlesca e o grupo disponibilizava espetáculos e oficinas para circular na rede da Escola, as vezes de forma independente pelo projeto Mutirão Burlesco, e/ou buscando financiamento público para projetos de circulação e formação. Pela Escola participaram de ações, como cenas de *agitprop* em shoppings, a leitura dramática do texto *O Líder* (1970), de Lauro César Muniz,

<sup>6</sup> Ler mais sobre no artigo *Cultura e política: narrativas da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do Distrito Federal*” (2022) e *A Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do Distrito Federal: formação pela práxis* (2019), artigos de Rafael Litvin Villas Bôas, Viviane Cristina Pinto e Simone Menezes Rosa.

<sup>7</sup> Ler mais em *70 anos da Frente de Trabalhadores da Cultura de Nuestra America: experiência de organização de trabalhadores da cultura e o vínculo com a contemporânea Rede de Escolas de Teatro e Vídeo Político Popular Nuestra América* (2023), de Simone Menezes da Rosa e Rafael Litvin Villas Bôas Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/129131/88311>. Acesso em set. 2025.

<sup>8</sup> Ler mais sobre em *Agitprop: cultura política* (2016), de Douglas Esteves, Iná Camargo Costa e Rafael Villas Bôas.

participação com intervenção no ato do 8M (Dia mundial de Luta em defesa das Mulheres) e outros.

**Figura 3** - Apresentação de *Bendita Dica*, pelo projeto independente Caravana Burlesca, no Curso Pedagogia da Terra, na Universidade de Brasília, Campus de Planaltina, Brasília – DF, 2018



**Fonte:** Mateus Alves.

Um ponto alto desta relação foi a Caravana Burlesca – edição Campo, feita em fevereiro de 2018. O roteiro de viagem para apresentar o espetáculo *Bendita Dica* e ministrar oficinas foi por áreas de estudantes e egressos da Licenciatura em Educação no Campo (LEdOc), do Campus FUP/UnB. Com recursos de apoiadores pelo Mutirão Burlesco, passaram por sete comunidades nas cidades de Planaltina-DF, Cavalcante-GO, Teresina-GO e Formosa-GO. Um roteiro intenso de 10 dias com 9 apresentações e 4 oficinas. As oficinas foram fundamentais para trocar experiências com grupos de teatro como Vozes do Sertão Lutando por Transformação/VSLT<sup>9</sup> e o grupo Arte Kalunga Matec, dois coletivos formados pela juventude quilombola Kalunga.

---

<sup>9</sup> Saber mais sobre o grupo em relação a ETPVP-DF no artigo *Teatro como ferramenta de luta e resistência no quilombo Kalunga: o processo pedagógico de teoria e prática do grupo VSLT*

A dinâmica de produção e circulação da Cia Burlesca é emblemática para compreendermos o potencial, ainda atual, da existência de coletivos de teatro político. Com repertório variado e com elenco sempre preparado para encenar a peça mais conveniente à ocasião, o grupo tem funcionado como elemento chave do processo de construção de uma ampla rede de produção e circulação de teatro político e vídeo popular que envolve casas de cultura, escolas públicas, territórios de movimentos sociais rurais e urbanos, sindicatos e universidades. As relações estabelecidas pelo grupo se distanciam dos padrões comerciais: não se trata apenas de uma turnê de contra-partida de projeto financiado com recurso público, boa parte da ação política do grupo é financiada pelo mutirão burlesco, uma ação de arrecadação de recursos de pessoas que concordam com o projeto de formação estética e política proposto pela Burlesca; a plateia não é encarada apenas como espectadora, mas como sujeitos políticos que atuam em seus espaços, e que podem se tornar também produtores, e circular pela rede aberta pela Burlesca, e das quais ela faz parte, como a rede em construção da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do DF. (Bôas; Canova, TRAMA #1, 2017)<sup>10</sup>

Este período de relação mais estreitado com os movimentos sociais e com a ETPVP/DF trouxe mais reflexões para a atuação de artista militante em relação ao teatro político. Tendo em vista o desejo de alcançar o maior número de pessoas com as ideias contra hegemônicas levantadas em cena, o grupo se desdobrava para fazer a maior quantidade de apresentações visando contribuir no processo organizativo da classe trabalhadora. Neste momento, o grupo já tinha escolhido intensificar a circulação de espetáculos e oficinas em vez de ocupar um espaço fixo.

Ao longo da Caravana nasce o boletim T.R.A.M.A – Teatro, Revolução, Afeto, Militância e Articulação<sup>11</sup>, um instrumento de escrita reflexiva e de memória da atuação do coletivo. Movidos pelo incentivo de registrar a história e

---

(2022), disponível no livro *Cultura e política: narrativas da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do Distrito Federal* (PINTO et al, 2022).

<sup>10</sup> Boletim informativo TRAMA #1 de fevereiro de 2018, arquivo da Cia Burlesca.

<sup>11</sup> TRAMA #2, disponível em:

[https://docs.wixstatic.com/ugd/70c146\\_d01fa5795bc241bd9ce9f896828a82ed.pdf](https://docs.wixstatic.com/ugd/70c146_d01fa5795bc241bd9ce9f896828a82ed.pdf) Acesso em:

set. 2025. TRAMA #2, disponível em:

[https://docs.wixstatic.com/ugd/70c146\\_7b601911cc6344289fccbeda37e084c8.pdf?fbclid=IwAR3WSTLeucEeuYs8w39-yGiaIR1gJTMCbFEdYrSiR9ziLxY7KYSNIcDXpM](https://docs.wixstatic.com/ugd/70c146_7b601911cc6344289fccbeda37e084c8.pdf?fbclid=IwAR3WSTLeucEeuYs8w39-yGiaIR1gJTMCbFEdYrSiR9ziLxY7KYSNIcDXpM) Acesso em: set. 2025.

inspirados pelo boletim Capivara<sup>12</sup> do grupo parceiro Estudo de Cena<sup>13</sup> (SP), que conheceram pela ETPVP. A Escola também produzia seu boletim e impulsionava os coletivos a exercitar a escrita dos processos como instrumento de socializar modos de produção e fruição. No caso do Boletim da Cia Burlesca, a tarefa era dividida coletivamente para que todos passassem pela experiência.

**Figura 4** - Apresentação do experimento cênico do Coletivo Fuzuê de Minas Gerais, parceiros da ETPVP-DF, na ocupação artística da Sala Conchita de Moraes do Teatro Dulcina, Brasília – DF, 2017



**Fonte:** Arquivo da Cia Burlesca.

A relação estreitada com a rede da ETPVP-DF faz o grupo intensificar a sua atuação no campo dos sindicatos, acampamentos, assentamentos, centros de formação, escolas urbanas e do campo, atendendo aos inúmeros convites para apresentar em encontros, seminários, reuniões e assembleias. Tal relação também abriu o campo para os diálogos com grupos de teatro político de outros

<sup>12</sup> Conhecer mais sobre o boletim Capivara no endereço: <http://capivaraestudodecena.blogspot.com/> Acesso em: set. 2025.

<sup>13</sup> Conhecer mais sobre este grupo no endereço: <https://www.estudodecena.com/> Acesso em: set. 2025.

estados brasileiros e de países onde a Rede Nuestra America de Escolas de Teatro Político e Vídeo Popular atuam. Em resumo, a Rede Nuestra America é uma agremiação de escolas que buscam a socialização dos meios de produção teatrais e do audiovisual junto aos movimentos populares, sindicatos, grupos de teatro, universidades e escolas públicas. Em 2025 a Rede é composta por seis escolas no Brasil (Alagoas, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina), uma escola no Equador (Quito), na Espanha (Madri) e na Argentina (Jujuy). Tais relações de redes que são tecidas concomitantes propiciam trocas que potencializam as estratégias dos grupos, abrem espaços de circulação e movimentam o debate político e estético. Na Figura 4, por exemplo, podemos ver a reunião de integrantes da rede da ETPVP, do Terra em Cena, da Rede Nuestra America e da Cia Burlesca reunidos em movimento de solidariedade ao processo de ocupação artística da Sala Conchita de Moraes do Teatro Dulcina. Sem dúvida, este período é marcado pela solidariedade de classe, com apoio e estrutura das organizações e parceiros, o grupo intensificou a circulação. O texto abaixo demonstra a dinâmica deste período:

Por exemplo, nas duas primeiras semanas de dezembro de 2017 a Cia Burlesca ministrou uma oficina de teatro político na Casa da América Latina da UnB, nos dias 5, 7 e 9, e na ocasião conheceram o professor e mamulengueiro Carlos Machado da Cia Mamulengo Mulungu. Na terça seguinte, dia 12 de dezembro, já estavam se apresentando na Escola de Ensino Fundamental Córrego do Ouro, em que Carlos Machado leciona, na quinta 14/12 se apresentaram no XXI Encontro Estadual do MST do Distrito Federal e Entorno, foram vistos por dirigentes, acampados e assentados das três regionais do MST/DFE e saíram de lá com novas agendas de apresentação em acampamentos e assentamentos. No sábado, 16 de dezembro, se apresentaram no XXVI Encontro Estadual do MST de Goiás, em Corumbá, cidade bem próxima de Lagolândia, onde se passou a história de Santa Dica, tema de uma das principais peças do grupo. (Canova; Bôas. Trama #3. Arquivo do Grupo, 2018)

A relação com o MST se intensificou, como é possível ver a dinâmica do grupo no relato acima. Movidos pelo conhecimento da história de Santa Dica, o Centro de Formação de Corumbá, passou a se chamar Centro de Formação Santa Dica dos Sertões, como a militante Sem Terra Rosmeri Witcel conta:

Com certeza o espetáculo, teve grande influência. Sobretudo para o conhecimento de quem foi Santa Dica dos Sertões. Também pelos aspectos de luta, resistência e formação que o grupo Burlesca lindamente recuperou da história da Dica e do povoado. A paixão do grupo pela história praticamente invisibilizada da Dica, nos contagiou e nos levou a conectarmos com aquela história de luta ocorrida e dirigida por uma mulher do pequeno povoado de Lagolândia, na região onde está localizado nosso centro de formação. Que assim como a Dica, tem a tarefa de trabalhar com camponeses que lutam pela terra e para ser um lugar para mostrar a viabilidade da alimentação agroecológica de qualidade para todos e todas. Mostrando que a terra deve cumprir sua função social que é a de garantir vida com dignidade para todos, combatendo todos aqueles que concentram a terra, que se sujam de terra porque roubam a terra, para o lucro e a ganância a despeito de todo o povo. Pela peça de teatro apresentada na reunião da direção estadual do MST de Goiás, não tivemos dúvidas de que essa seria uma justa e necessária homenagem. E conhecer mais a história e a memória da Dica se tornou uma tarefa da região Centro Oeste do MST. Ao ponto de definirmos uma mulher para ser contada a sua história em uma cartilha que fez parte de uma coleção das mulheres a nível nacional, a definição foi por trazer ao conhecimento nacional do MST, a história de Santa Dica dos Sertões. E através da arte, nos emocionamos, conhecemos e resistimos com as memórias de lutas. (Witcel, Depoimento cedido ao grupo. Arquivo do grupo, 2023)

As integrantes do grupo contribuíram na escrita da cartilha de Santa Dica e de Roseli Nunes dividindo as pesquisas que tinham para as peças. Alguns projetos idealizados pelo grupo, fruto destas articulações, e contemplados pelo FAC, foram: Circulação d'O Longe por áreas da Reforma Agrária (2019), 3<sup>a</sup> Caravana Burlesca - MST Bahia (2020), Semeadura Burlesca (2022), Roseli Nunes e Margarida Alves, guerreiras de ponta a ponta do Brasil (2019), idealizado por Lyvian Sena. Este último refere-se a montagem de uma peça que conta a história da luta pela terra a partir de lideranças históricas, Margarida Maria Alves, sindicalista e Roseli Nunes, Sem Terra. Este projeto é fruto de trocas da relação do grupo com os movimentos populares do campo, o MST e a Contag.

**Figura 5** - Apresentação de *Bendita Dica*, no Assentamento do MST/RS, da antiga fazenda Anoni, na viagem de pesquisa de Roseli Nunes para o espetáculo *A Legítima História Verdadeira*, Sarandi. RS, 2019



**Fonte:** Arquivo da Cia Burlesca.

O ano de 2020 seguiu no ritmo de circulação e produção de novos projetos. Seguindo a forma de pesquisa de *Bendita Dica*, o grupo também viajou para o Rio Grande do Sul e Paraíba, para pesquisar sobre as histórias de Roseli Nunes e Margarida Alves. As viagens foram um marco na formação política do grupo, tendo o MST, a Contag e o Sindicado dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande como parceiras que contribuíram com o transporte local, os lugares para dormir e as indicações das pessoas que foram entrevistadas.

Neste mesmo ano, o mundo foi surpreendido com a pandemia causada pela Covid-19, interrompendo dinâmicas de trabalho e ceifando um número massivo de vidas. Enquanto a classe trabalhadora buscava formas de sobreviver, sem poder estar nas ruas, a elite mundial enriquecia mais ainda. A situação brasileira se agravou com o governo negacionista de extrema direita, dificultando políticas de emergência e o avanço e distribuição das vacinas.

O modo para continuar trabalhando para a parcela da população que tinha acesso à rede de internet, foi o formato virtual. Ao longo dos dois anos, projetos previstos para executar em formato presencial, foram adaptados para o formato virtual. A Cia Burlesca se organizou com os projetos independentes

Surto Burlesco<sup>14</sup> (2020) e o Literatura Sem Fio<sup>15</sup> (2021); os projetos adaptados para o virtual foram o Brecht na Biblioteca<sup>16</sup> (2020) e o Solo Seco - Lamento das Águas<sup>17</sup>; e o projeto no edital emergencial, Dialogando com PAS (2021) para tratar de forma pedagógica cada obra teatral do Programa de Avaliação Seriada (PAS), da UnB. Todos estes projetos estão disponíveis no canal do YouTube da Cia Burlesca.

O grupo manteve uma média de dois projetos por ano, o que demonstra um agravamento na sustentabilidade financeira das pessoas integrantes. Somado a isto, a inviabilidade das relações que se estabeleciam a partir da circulação pelos territórios, junto com a restrição ao acesso à internet, fragmentam os processos que vinham se construindo.

É um período em que, diante do que é possível, se fortalecem os espaços de formação e os meios de comunicação virtual. No final de 2021, o jornal da classe trabalhadora, Brasil de Fato, se organiza no DF e a Cia Burlesca o integra com a escrita de uma Coluna mensal<sup>18</sup> para dialogar sobre temas gerais a partir do olhar da arte, da cultura e da educação.

Após muitas perdas, em 2022 inicia a vacinação dos brasileiros e as atividades começam e retornar ao presencial. Depois dois anos do início do processo de montagem do espetáculo sobre Roseli e Margarida, estreia *A Legítima História Verdadeira* e circula por acampamentos, escolas rurais e urbanas, espaços comunitários e Instituto Federal de Brasília (IFB), de São Sebastião - DF. É a primeira montagem que os quatro atores do grupo trabalham da pesquisa às apresentações, o que possibilita ver as contribuições, histórias e características das atrizes, atores e da diretora Patrícia Barros.

---

<sup>14</sup> Se tratava enviar e-mail com texto autoral com referencial artístico semanalmente com assuntos conectados a uma live transmitida pelo Instagram do grupo com algum convidado.

<sup>15</sup> Por meio de vídeo, fazem a leitura do livro *A cidade Inexistente* (2019), do escritor parceiro de longa data do grupo, José Rezende.

<sup>16</sup> Idealizado para acontecer presencialmente na Biblioteca Pública de Brasília da 312/313 na Asa Sul foi alterado para o formato virtual. Com o propósito de estudar mais a fundo as obras e a história do autor, o projeto contou com leituras dramáticas, palestras e oficina.

<sup>17</sup> O espetáculo em vídeo conta a história do levante que ocorreu em Correntina - BA em 2017.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.brasildefatodf.com.br/columnistas/cia-burlesca>

**Figura 6** - Apresentação de *A Legítima História Verdadeira*, no 6º Encontro Nacional de Formação da Contag, Brasília – DF, 2022



Fonte: Arquivo da Cia Burlesca.

**Figura 7** - Mural construído após assistirem o espetáculo de *A Legítima História Verdadeira*, na Escola Classe Aguilhada, área rural de São Sebastião – DF, 2022



Fonte: Arquivo da Cia Burlesca.

Simultaneamente, o grupo executa o projeto Semeadura Burlesca com circulação em 4 escolas do campo nas RAs de São Sebastião, Brazlândia, Planaltina e Paranoá. Em cada escola foram feitas uma oficina de Teatro do Oprimido para educadores e apresentação dos 4 espetáculos do repertório: *Bendita Dica, O Longe, O Violinista Mosca Morta e A Legítima História Verdadeira.*

Pode-se observar que a dinâmica de trabalho do coletivo se intensificou e ganhou um sentido de atuação mais definido. A força de trabalho despendida em ocupar espaços se converteu para circular dentro e fora do Distrito Federal. Os retornos dos públicos dos territórios de atuação contribuíram para a autodefinição do grupo. Na pandemia se distanciaram dos territórios, mas buscaram se manter em trabalho contínuo com projetos independentes e financiados.

## Considerações finais

Neste artigo pudemos ver que a produção artística e pedagógica da Cia Burlesca encontrou seus interlocutores em grupos e organizações que lutam por justiça social, estreitando em uma relação de aprendizagem e troca mútua, com o trabalho artístico impulsionando a luta e a organização popular.

A articulação entre as redes do Coletivo Terra em Cena, da ETPVP-DF e da Cia Burlesca fizeram as circulações ganharem mais folego. Qualificaram o trabalho do grupo ao proporcionarem espaços de debates, formações e intercambio com grupos de teatro político e movimentos sociais. O direcionamento que o grupo faz do centro às periferias e aos territórios camponeses fizeram o teatro ganhar mais valor em direção à justiça social. Um teatro vivo, que se propõe à escuta ativa para novas formulações a partir das problematizações que surgem.

O que possibilitou esta trajetória é a identidade do trabalho do coletivo, com a forma e conteúdo dos trabalhos que contribuem de forma didática com os debates das organizações. Desmistificam-se temas pouco debatidos na sociedade ao denunciarem o projeto do capital com sua estrutura de

raça/classe/gênero; as explorações dos seres humanos e dos recursos naturais; a manipulação da informação pela mídia hegemônica da indústria cultural e a propriedade privada.

O trabalho do grupo se comprometeu, ao longo do tempo, a apresentar histórias de luta da classe trabalhadora visando impulsionar que outras sejam contadas, inclusive, travando disputas narrativas diante aos meios de comunicação hegemônicos que propositalmente apagam estas histórias. Estas histórias narradas tornaram-se o meio de formação da Cia Burlesca, das pessoas que assistem e das relações que se estabelecem a partir delas. Retomam assim, um conhecimento que foi negado como um princípio de emancipação e organização popular.

## REFERÊNCIAS

- BARATTO RIBEIRO DA SILVA, Marco Antonio. **Questão Agrária e Luta pela Terra:** a consolidação dos assentamentos de Reforma Agrária do MST no Distrito Federal e Entorno. Tese de doutorado, UnB. Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/23758>. Acesso em: 13 de nov. 2025
- BARRETO, Pedro Stenio Caroca da Silva. **Teatro como ambiente não formal de educação:** A prática de ensino do projeto Estação Dulcina da Cia Burlesca. Trabalho de Conclusão de Curso, IFG, Campus Luziânia. 2020.
- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas.** 10<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010.
- BÔAS, Rafael; CANOVA, Felipe. In Cia Burlesca. **TRAMA #1.** Arquivo do grupo. Brasília, 2017.
- BÔAS, Rafael; CANOVA, Felipe. In Cia Burlesca. **TRAMA #1.** Arquivo do grupo. Brasília, 2018.
- BURLESCA, Cia. **Registro audiovisual da apresentação no curso Arte, cultura e comunicação do MST.** Arquivo do grupo. Brasília, 2019.
- BURLESCA, Cia. **Música:** Ocupação, da peça A Legítima História Verdadeira. Arquivo do grupo. Brasília, 2019.
- CARVALHO, Luciano. **A mística do MST:** aspectos formais, políticos e organizativos da construção estética do território. Dissertação de mestrado, UNESP. São Paulo, 2019. Disponível

em:[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/183115/barbosa\\_lc\\_me\\_ipri\\_int.pdf?sequence=5&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/183115/barbosa_lc_me_ipri_int.pdf?sequence=5&isAllowed=y). Acesso em: 13 nov. 2025.

CHÃ, Ana Manuela de Jesus. **AGRONEGÓCIO E INDÚSTRIA CULTURAL:** estratégias das empresas para a construção da hegemonia. Dissertação de Mestrado, UNESP. São Paulo: 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/2b0ef04d-757c-4a34-9995-f83ed9a66f8f/content>. Acesso em: 13 nov. 2025

CORADESQUI, Glauber. **Canteiro de Obras** – notas sobre o teatro candango. Brasília: Filhos do Beco, 2012.

COSTA, Iná Camargo. **A hora do teatro épico no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Editora Expressão Popular. 2016.

COSTA, Iná; CARVALHO, Dorberto. **A luta dos grupos teatrais por políticas públicas para a cultura:** os cinco primeiros anos da lei de fomento ao teatro. São Paulo: Cooperativa Paulista de Teatro, 2008.

COSTA, Iná Camargo; ESTEVAM, Douglas; VILLAS BÔAS, Rafael Litvin. **Agitprop: cultura política**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

DEETER, Julie Anna Wetzel. **A Cia Burlesca na Marcha da História:** Teatro Político, questão territorial e perspectiva feminista em “Bendita Dica”, “O Longe” e “A Legítima História Verdadeira”. Dissertação de Mestrado, UnB. Brasília, 2023. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/48994/1/JulieAnnaWetzelDeeter\\_DISERT.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/48994/1/JulieAnnaWetzelDeeter_DISERT.pdf). Acesso em: 13 nov. 2025

FERREIRA, Janelson. **Espetáculo “O Longe” circula por áreas da reforma agrária no DF**. Site do MST (Online), 2019. Disponível em: <https://mst.org.br/2019/05/22/espetaculo-o-longe-circula-por-areas-da-reforma-agraria-no-df/>. Acesso em: 14 de no. 2025.

GARCIA, Silvana. **Teatro da militância:** a intensão do popular no engajamento político. São Paulo: Editora Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

GLASS, Verena, SANTOS, Maureen, organizadoras. **Atlas do agronegócio:** fatos e números sobre as corporações que controlam o que comemos. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll, 2018.

LACERDA, Marcus V. F. Quatro pequenos palcos de muito bom teatro. In: **Revista Traços**, Nº 17. Brasília, 2017.

MUNIZ, Lauro Cezar. O líder. In: BOAL, Augusto [et al.]. **1ª Feira Paulista de Opinião**. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2016

PINTO, Viviane Organização [et al]. **Cultura e política:** narrativas da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do Distrito Federal. Brasília, DF: Simpoises Projetos Culturais, 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Q5SCPkbkblJqe1wdADye1b1tYedhn6x/view>

RAUBER, Maiara. **Teatro Político estuda a vida da Sem Terra Roseli Nunes,** Site do MST (Online), 2019. Disponível em: <https://mst.org.br/2019/01/31/teatro-politico-estuda-a-vida-da-sem-terra-roseli-nunes/>. Acesso em: 13 nov. 2025.

REZENDE, Waldetes Aparecida. **Santa Dica:** história e encantamentos. 2ª Ed. Goiânia: Kelps, 2011.

REZENDE, José. Teatro para os sem teatro. In: **Revista Traços**, Nº 42. Brasília, 2020.

REZENDE, José. **A Cidade Inexistente.** Rio de Janeiro: Editora: 7Letras, 2019.

ROSENFELD, Anatol. **O Teatro Épico.** São Paulo: Editora Perspectiva. 1985.

**ROSA, Simone Menezes da; VILLAS BÔAS, Rafael Litvin. 70 anos da Frente de Trabalhadores da Cultura de Nuestra America: experiência** de organização de trabalhadores da cultura e o vínculo com a contemporânea Rede de Escolas de Teatro e Vídeo Político Popular Nuestra América, 2023. **Revista Cena**, Porto Alegre v. 23, n. 40, mai./ago. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/129131/88311>. Acesso em set. 2025.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. Geographia: **Revista da Pós-Graduação em Geografia**, v. 1, n. ju 1999, p. 7-13, 1999. Acesso em: 14 nov. 2025.

SANTOS, Milton. **Território e sociedade.** Entrevista com Milton Santos. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

SCHWARZ, Roberto. **Cultura e Política.** São Paulo: Editora Terra e Paz, 2005.

SILVA, Amanda de Lima. **Mudança de tom:** A música como agente transformador da medida socioeducativo - um documentário em vídeo sobre a Orquestra Plena Harmonia. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação. Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília – Uniceub. 2013.

SILVA, Pedro Henrique Pereira da. **Uma análise do projeto “Ocupação Artística Cultural na Unidade de Internação de São Sebastião” da Cia Burlesca no ano de 2018.** Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, 2019.

SOUZA, Adriana Fernandes. **Semeadores 2003 a 2013:** Análise do processo de lutas e formação por meio do trabalho com a linguagem teatral. Trabalho de

Conclusão de Curso, Universidade de Brasília. Disponível em:  
[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5437/1/2013\\_AdrianaFernandesSouza.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5437/1/2013_AdrianaFernandesSouza.pdf).  
Acesso em set. 2025.

VILLAS BÔAS, Rafael Litvin. **Teatro Político e questão agrária 1955 a 1965:** contradições, avanços e impasses de um momento decisivo. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

VILLAS BÔAS, Rafael Litvin, PINTO, Viviane Cristina; ROSA, Simone Menezes. A Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do Distrito Federal: formação pela práxis. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 34, p. 036-047, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101342019036/9956>. Acesso em 13 nov. 2025.

VILLAS BÔAS, Rafael Litvin. Expresiones estéticas y políticas de la escena brasileña contemporánea. **Revista de teatro latinoamericano y caribeño Casa de las Américas**, La Habana. Cuba, 2023.

WITCEL, Rosmeri. Depoimento cedido ao grupo. Arquivo do grupo. Brasília, 2023.

Recebido: 23/06/2025  
Aceito: 22/09/2025